

## PRIMEIRA LINHA ELEIÇÕES NO REINO UNIDO

Stefan Wermuth/Reuters

# Eleições debaixo da tempestade terrorista e do vento populista

A campanha para as inesperadas eleições britânicas ficou marcada pela recente vaga de atentados infligidos em solo inglês. Em paralelo, estas legislativas parecem confirmar o fim do consenso liberal no Reino Unido.

DAVID SANTIAGO

dsantiago@negocios.pt

Em menos de três meses, o Reino Unido foi palco de três atentados terroristas. O ataque deste sábado em Londres aconteceu duas semanas depois do rebentamento de uma bomba em Manchester. Em Março, já tinha sido a capital inglesa a ser alvo de um atentado. Em todos foram contabilizadas várias mortes. Não surpreende, portanto, que uma recente sondagem do Ipsos mostre que o terrorismo é a segunda causa de maior preocupação para a população britânica, logo a seguir ao sistema de saúde.

Inevitavelmente, estes eventos vão influir no resultado das eleições gerais que decorrem esta quinta-feira no Reino Unido. Resta saber se algum partido, ou líder, poderá beneficiar do receio inerente à recorrente incidência de ataques de inspiração radical-islâmica. Por um lado, a primeira-ministra britânica e líder do Partido Conservador, Theresa May, pode tirar vantagem das suas convicções restritivas ao nível da imigração. Porém, ela é também o rosto, enquanto ministra do Interior durante seis anos, dos cortes feitos aos

meios e efectivos da polícia realizados pelos governos chefiados por David Cameron.

Por outro, Jeremy Corbyn, líder do Partido Trabalhista, tem todo um histórico que lhe poderá ser desfavorável, como é exemplo o apoio conferido a movimentos armados como o IRA ou o Hamas. Ou ainda ter votado, como deputado, contra boas medidas anti-terrorismo discutidas no Parlamento depois do 11 de Setembro e dos ataques de 2005, em Londres.

Observando “um impacto de desprotecção contínua da sociedade” resultante dos atentados, Bernardo Pires de Lima constata que se “a acusação de desprotecção da polícia recai sobre May”, também “Corbyn não é depositário de grande credibilidade na área securitária”. A Ciência Política sugere que o terrorismo pode favorecer mais candidatos conservadores do que liberais, mas a história recente não confirma essa tendência. Se em Espanha o então favorito José María Aznar perdeu as eleições, de 2004, que decorreram dias depois dos atentados à estação de Atocha, recentemente o candidato liberal Emmanuel Macron venceu as presidenciais gaulesas escassos dias após outro atentado em Paris.

O entorno destas eleições terá contribuído para que os principais candidatos resvassem para discursos de pendor populista. Na edição

européia do site Politico, o jornalista Adam Barnett recorda que May e Corbyn são “dois líderes que chegaram ao poder numa onda anti-establishment” e recorrendo a “mensagens populistas”. Mas Pires de Lima “não chamaria a isso populismo”. No entender do investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) aquilo que se

verifica é antes “uma radicalização e falta de carisma dos intervenientes, o que é recente na política britânica”. No fundo, “o consenso liberal está quebrado e foi substituído por um consenso mais intervencionista, mais estatista”, conclui Pires de Lima.

## Prognósticos só no fim

Esta velha máxima do futebol nacional aplica-se por completo às legislativas britânicas. Depois do rotundo falhanço das sondagens anteriores às eleições britânicas de 2015, ninguém arrisca tomar como certos os estudos de opinião.

Ainda assim, as sondagens apontam para uma clara tendência de quebra de May que, quando em Abril anunciou eleições antecipadas, detinha uma vantagem em torno dos 20 pontos percentuais. Essa diferença esbateu-se, o que faz antever que a estratégia da primeira-ministra de reforçar o seu mandato com vista à negociação de um “hard Brexit” com Bruxelas poderá redundar num tiro no próprio pé.

“Theresa May esqueceu-se de que não é uma política brilhante e de que não tem coesão interna no governo e no partido. E também não contava com o reforço do eixo franco-alemão”, nota o investigador do IPRI para quem “o radial do Brexit esteve sempre presente, mesmo não sendo um tópico constante na campanha”. ■



Theresa May e Jeremy Corbyn viram mudar completamente, e em poucas semanas, as per

## Como funciona o sistema eleitoral?

O Reino Unido divide-se em 650 círculos eleitorais (com um número similar de eleitores). Cada circunscrição eleitoral elege um só candidato, que assegura depois lugar na Câmara dos Comuns (câmara baixa do Parlamento britânico, composta por 650 deputados). A eleição é alcançada por maioria simples, pelo que somente o candidato mais votado em determinado círculo eleitoral garante assento no Parlamento.

Já os membros da Câmara Alta não são eleitos, mas nomeados pela rainha, devendo a monarca levar em linha de conta a opinião do primeiro-ministro em funções.

O partido vencedor é aquele que tiver maioria absoluta (mínimo de 326 mandatos). Se nenhum partido tiver maioria, a força com mais deputados, ou outra, pode tentar formar uma coligação ou governar com base em acordos de incidência parlamentar. Os mandatos são de cinco anos.



**A acusação de desprotecção da polícia recai sobre Theresa May [mas também] Jeremy Corbyn não é depositário de grande credibilidade na área securitária.**



BERNARDO PIRES DE LIMA

Investigador do IPRI